



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.56>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **08/08/2020**

DIFERENÇAS E DESAFIOS DO ENSINO NA ZONA RURAL E URBANA NO MUNICÍPIO DE CORONEL JOÃO SÁBA UM RELATO DE UMA PEDAGOGA SOBRE SUA VIVÊNCIA QUANDO ALUNA DO ENSINO FUNDAMENTAL; DIFFERENCES AND CHALLENGES OF EDUCATION IN THE RURAL AND URBAN AREA IN THE CITY OF CORONEL JOÃO SÁBA A STORY OF A PEDAGOGUE ABOUT HIS EXPERIENCE AS A FUNDAMENTAL EDUCATION STUDENT; DIFERENCIAS Y RETOS DE LA EDUCACIÓN EN EL ÁREA RURAL Y URBANA DE LA CIUDAD DE CORONEL JOÃO SÁBA UNA HISTORIA DE UN PEDAGOGO SOBRE SU EXPERIENCIA COMO ALUMNO DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

MARIA ANGELICA CONCEICAO DA CRUZ

<https://orcid.org/0000-0003-0486-0238>

ELISSANDRA SILVA SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-9302-1956>

REFERÊNCIAS

Este artigo é parte do que pesquisamos para o Trabalho de Conclusão de Curso e tem por objetivo analisar as diferenças do ensino na zona rural e urbana a partir de duas escolas públicas do município de Coronel João Sá, Bahia. Metodologicamente, baseia-se em nossa vivência enquanto aluna numa escola da zona rural e outra na zona urbana, além do nosso olhar já como estudante de Pedagogia com o que vivenciamos nos estágios. Teoricamente, fundamenta-se em GHEDIN (2012); BORGES (2012); SANTOS E ALMEIDA (2012), entre outros. Como resultados, traz uma contribuição para o campo de pesquisa sobre Educação no/do campo na medida em que traz relatos de experiências acerca das escolas onde fui aluna e contextualiza os profissionais das escolas na zona rural e urbana pesquisadas.

PALAVRAS-CHAVES: Educação no/do Campo; Ensino na Zona Rural. Ensino na Zona Urbana. Escolas Públicas. Coronel João Sá-BA

ABSTRACT

This article is part of what we researched for the Course Completion Work and aims to analyze the differences in teaching in rural and urban areas from two public schools in the municipality of Coronel João Sá, Bahia. Methodologically, it is based on our experience as a student in a school in the rural area and another in the urban area, in addition to our view as a student of Pedagogy with what we experience in the internships. Theoretically, it is based on GHEDIN (2012); BORGES (2012); SANTOS AND ALMEIDA (2012), among others. As a result, it brings a contribution to the field of research on Education in / from the field as it brings reports of experiences about the schools where I was a student and contextualizes the professionals of the schools in the rural and urban areas surveyed.

KEYWORDS: Education in / from the countryside. Rural Education. Teaching in the Urban Zone. Public schools. Coronel João Sá-BA

RESUMEN

Este artículo es parte de lo que investigamos para el Trabajo de Fin de Curso y tiene como objetivo analizar las diferencias en la docencia en áreas rurales y urbanas de dos escuelas públicas del municipio de Coronel João Sá, Bahía. Metodológicamente, se basa en nuestra experiencia como estudiante en una escuela en el área rural y otra en el área urbana, además de nuestra visión como estudiante de Pedagogía con lo que vivimos en las pasantías. Teóricamente, se basa en GHEDIN (2012); BORGES (2012); SANTOS Y ALMEIDA (2012), entre otros. Como resultado, aporta un aporte al campo de la investigación en Educación en / desde el campo, ya que trae relatos de experiencias sobre las escuelas donde fui estudiante y contextualiza a los profesionales de las escuelas en las áreas rurales y urbanas encuestadas

PALABRAS CLAVE: Educación en / desde el campo. Educación rural; Docencia en la Zona Urbana. Escuelas publicas. Coronel João Sá-BA

INTRODUÇÃO

É de suma importância que tenhamos uma Educação de qualidade, independente da localização geográfica em que se encontra determinada escola, respeitando assim as especificidades de cada comunidade; reforçando esse pensamento, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de Dezembro de 1996, no seu título II, art. 3, inciso I e IX, é obrigatório que o ensino seja ministrado de forma igualitária nas condições de acesso e permanência, e que tenha garantia de padrão de qualidade. Portanto, é necessário que essa temática seja mais discutida, para que haja assim, uma conscientização de toda a população sobre o descaso que a maioria das escolas na zona rural enfrenta.

A Educação no/do campo não é uma continuidade de Educação Rural. Segundo Simões; Torres (2011), a Educação Rural, diferencia-se pelo fato de ser uma mobilização em favor de levar o ensino às populações rurais, seja ele em salas multisseriadas com professores para atender aluno de séries e idades diferentes, ou pela dificuldade de deslocamento de muitos professores, por isso não têm formação adequada, portanto, uma Educação fundamentada somente no aprendizado do ato de ler, escrever e fazer conta. Entretanto, a concepção de Educação do campo, mostra-se num novo sentido de escola, para atender não somente as necessidades de seus educandos, mas principalmente para a reflexão de suas funções sociais, na melhoria do ensino-aprendizagem como um todo.

Diante dessas perspectivas sobre as diversas abordagens de Educação no campo, e como ela é vista pela maioria da população como inferior à Educação Urbana, e um pouco da minha experiência como aluna na zona rural, surgiu uma enorme inquietação se realmente a Educação na zona rural é inferior a da cidade, por esses motivos busquei em meu trabalho de conclusão de curso aprofundar-me nessa temática.

Outro fato importante para colocar em debate é a questão do preconceito que tanto a Educação no/ do campo, quanto a Educação Rural sofre quando é comparada com o ensino na Zona urbana, e é nesse quesito que relatarei no decorrer desse artigo, algumas fases da minha vivência como aluna do ensino na zona rural, e posteriormente como graduada em Pedagogia, onde pude ter um olhar mais atento em relação a essa temática. Apresentando alguns dados obtidos durante a pesquisa para a construção do meu trabalho de conclusão de curso, que teve como foco essa análise e comparação do ensino na Zona Rural e Urbana, especificamente de um município. Sendo assim, esse artigo está dividido em mais duas partes, além da introdução, onde o segundo tópico diz respeito à fundamentação teórica, em seguida trará alguns relatos da minha experiência e o motivo pelo qual faço essa comparação, e por fim, apresentarei as considerações finais, contendo algumas perspectivas de mudanças para serem trabalhadas no ensino da zona rural.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As escolas da cidade são vistas pela maioria da população brasileira como superiores às escolas do campo. Não porque tem um ensino seriado, mas pela proposta pedagógica ser mais "atraente" do que é visto nas escolas da zona rural. Isso ocorre desde a infraestrutura aos recursos pedagógicos serem oferecidos em proporção maior na cidade, possibilitando assim um ensino mais dinâmico, mas isso não quer dizer que acontece dessa forma em todas as escolas da cidade. Muitas das vezes o sistema educacional do nosso país ainda é focado apenas na leitura, escrita e cálculo; deixando de lado a reflexão crítica do ser humano, tanto nas escolas da zona urbana, quanto nas da zona rural.

Segundo Freire (1986, p.24), a Educação é um processo que deve conduzir à reflexão, pois:

[...] O que se visa é a formação de cidadãos críticos, ativos, que intervenham no processo de transformação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitem chegar à cultura sistematizada. E por esse motivo [...] Já estaria justificada a importância da reflexão.

Vimos o quanto é determinante que os professores trabalhem em sala de aula, esse ponto, para que os alunos não fiquem apenas como uma massa de manobra na sociedade. Mas devido o sistema educacional do país, em relação a Educação Básica focar apenas em três quesitos como já foi citado acima, cabe ao docente interligar os conteúdos, fazendo com que os discentes possam relacionar, questionar com a experiência que cada um possui.

Então, a Educação deve ser uma prática refletida. Um discurso teórico-prático em que se dê a vivência cotidiana do fazer-ser pedagógico (GHEDIN, 2012, p.47).

Um dos pontos que diferencia a escola da cidade para a do campo, é a questão dos horários, onde a maioria dos professores que trabalham na zona rural, percorrem um longo caminho até chegar a escola, encurtando assim o tempo de aula diária. Passando de 4 horas para aproximadamente 3 horas de aula. Mas esse fator não é o único, a maioria das escolas da zona rural não possui uma estrutura adequada.

[...] A infraestrutura é um fator negativo que influencia na aprendizagem do(a) aluno(a), uma vez que muitas escolas estão sucateadas, sem condições de funcionamento, com a falta de materiais, merenda, recurso pedagógico e pessoal, para fazer a escola funcionar adequadamente (SANTOS; SANTOS, 2010, p. 05).

Sem uma estrutura adequada, não há condições de atrair os alunos para que eles se desenvolvam positivamente na aprendizagem, deixando-os desmotivados, porque não vêem a escola como um lugar atrativo. E isso faz também com que a maioria dos pais ou responsáveis matriculem seus filhos em escolas da zona urbana.

E mesmo a estrutura física da escola que reside na cidade for "igual" a do campo; na visão das pessoas, a escola do centro urbano é vista como "melhor". Saviani, discutindo o trabalho como princípio educativo, nos demonstra que, a cidade é tida como referência ao progresso e ao desenvolvimento, enquanto o campo como algo "[...] atrasado, rústico, ou pouco desenvolvido" (1994, p. 152).

De acordo com a história o campo é citado como inferior à cidade. Com base nesse sentido, vamos encontrar a visão de que a escola urbana é melhor do que a rural, conforme Fernandes (2004, p.39 apud BORGES, 2012, p.108) "[...] Colocando o determinismo geográfico como fator regulador da qualidade da Educação [...]" Sob o jugo da visão do capital, gerando uma série de problemas como:

Falta de infraestrutura necessária e de docentes qualificados;

Falta de apoio a incentivos de renovação pedagógica;

Currículo e calendário escolar alheios à realidade do campo;

Em muitos lugares atendida por educadores com visão de mundo urbana, ou com visão de agricultura patronal; na maioria das vezes

estes profissionais nunca tiveram uma formação específica para trabalhar com essa realidade;

Deslocamento das necessidades e das questões do trabalho do campo;

Alheia a um projeto de desenvolvimento;

Alienada dos interesses dos camponeses, dos indígenas, dos assalariados do campo, afim, do conjunto dos trabalhadores, das trabalhadoras, de seus movimentos e suas organizações;

Estimuladora do abandono do campo por apresentar o urbano como superior, moderno, atraente;

Em muitos casos, trabalhando pela própria destruição, é articuladora do deslocamento dos alunos para estudarem na cidade, especialmente por não organizar alternativas de avanços das séries em escolas do próprio meio rural.

Fernandes retratou uma série de possíveis problemas visíveis na maioria das escolas do meio rural. Com isso surge o papel do educador, que é de suma importância para a formação das novas gerações, e mesmo atuando na cidade ou no campo, o docente precisa ter uma reflexão crítica e constante sobre sua teoria/prática educativa. Segundo Freire (2005, p.59), aprender precede ensinar, uma vez que ensinar não é depositar conhecimento e sim construir conhecimento educador e educando. Nesse processo, podemos dizer que nos humanizamos socialmente, conscientes do mundo que nos cerca e a consciência de si como ser "[...] inacabado, em um permanente movimento de busca".

Ou seja, todos esses aspectos que o autor citou acima, sobre o papel dos educadores, dizem respeito a formação dos profissionais que estão em atuação nas escolas, e voltado com um olhar mais atento aos que trabalham no campo. No sentido de terem uma visão mais humanizadora sobre aqueles que são bastante julgados pela maioria das pessoas por questões geográficas, em razão da localidade.

Por longos períodos, os responsáveis do sistema de ensino público não se preocuparam com o currículo escolar do campo, e isso se agrava para aqueles que vivem mais distante da zona urbana. Com isso inviabiliza a possibilidade de se pensar numa escola do campo com um espaço de educação para aqueles que vivem no e do campo.

A escola do campo não pode ser um modelo distorcido da escola da cidade, ou um modelo menor quanto aos processos educacionais discutidos pela teoria pedagógica. Ela precisa ser colocada em prática de forma adequada, e não apenas para que seja uma Educação que se torna fio condutor dos interesses ideológicos da classe dominante.

Para Santos e Almeida (2012) é preciso desconstruir um modelo de Educação que não contempla os reais interesses daqueles que vivem no e do campo, construindo assim uma Educação do campo que atenda às necessidades do ser humano como indivíduo, sujeito histórico, e ser biológico, e parte da natureza, que cumprirá o papel libertador que o ser humano almeja; fazendo parte de uma vida digna para aqueles que vivem no e do campo.

Segundo as autoras, a escola, os educadores e as educadoras precisam, em comum acordo, estarem esclarecidos quanto à clareza do papel social da escola, que nesse caso, é a escola do campo. É preciso formação adequada e continuada para o atendimento desses anseios. Para as autoras, difere-se da Educação na zona rural, por se tratar de lugares mais distantes dos centros urbanos, na região Amazônica, por exemplo. Fazendo uma relação com o meu objeto de pesquisa, a Educação na zona rural, e principalmente a questão da valorização, um olhar mais atento para as pessoas que não

moram na cidade, e que precisam e devem ter uma Educação de qualidade, tal qual as da Zona urbana. É preciso que se tenha currículo que esteja voltado para o aprendizado significativo daqueles que vivem nessas comunidades. Como os autores citam:

é importante que a Educação se preocupe, verdadeiramente, em fazer conhecer o que é conhecer, visando transmitir o que é o conhecimento humano, os seus dispositivos, as suas enfermidades, as suas dificuldades, e as suas tendências ao erro e à ilusão. (GHEDIN, 2012, p. 153).

O que as autoras defendem é que a Educação estimule e exercite o sujeito a pensar, refletir, errar e aprender. Essa perspectiva é coerente com o que diz Saviani (1998) sobre o currículo que deve colocar o homem no nível de sua época, o que corresponde a desenvolver uma educação para o futuro que tome para si a orientação das forças que estão amadurecendo e busque preparar as jovens gerações para as tarefas que as esperam (SAVIANI, 1998). O currículo escolar é um lugar de escolhas resultantes das necessidades que conduzem com a especificidade de cada objeto que pretende alcançar, seja de dominação ou não.

A Educação da população do campo é sinônimo de descaso pela falta de políticas públicas específicas que possam atender a suas necessidades, dificultando o acesso à escolarização. Isso se agrava devido ao isolamento social, político e geográfico, o que deixa essa população à margem da sociedade. Condição que, ao longo do tempo vem sendo vista com normalidade, legitimando o campo como um lugar atrasado e sem perspectivas.

Por causa dos números altos de analfabetismo no Brasil, e de diversos aspectos de impedimento do ingresso da população à educação escolar, e também por questões de qualificação profissional, a Educação é colocada nos planos de ações dos governantes.

No que tange à Educação do Campo, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) deve atuar em mobilizações, voltadas para o âmbito das políticas públicas no sentido de colocá-la nas agendas governamentais, provocando debates e reivindicando seu reconhecimento; ou seja, valorização por parte dos governantes para se ter uma Educação de qualidade para aqueles que vivem no e do campo.

Outro ponto negativo em relação à Educação do Campo é a formação dos educadores que atuam nessas localidades. Muitos desses profissionais não possuem nível médio completo. A Educação do Campo tem várias especificidades, e diversas lutas através dos movimentos sociais para obter justiça social, Educação Pública gratuita e de qualidade e pela cidadania.

Essas lutas vêm sendo construídas através dos movimentos sociais, que inclui a participação dos movimentos das mulheres, dos sindicalistas, dos funcionários públicos, das universidades, das associações de bairros, das federações, movimentos dos negros, dos índios e confederações.

O Movimento dos trabalhadores Rurais sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária, que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 1970, especialmente na Região Centro-sul do País, e, aos poucos expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no Estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 Estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste

Encontro de 1984 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela reforma agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados e nem exploradores (CALDART, 2007,p. 1).

Caldart retrata em sua fala, que o MST luta não só por questões de terra, pela reforma agrária, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, com direitos iguais para todos, independente do local em que vivem. Questões essas, que deveria ser debatidas por toda a sociedade, não somente por um grupo de pessoas. É necessário se pensar e lutar por uma Educação sem restrições de qualidade, que seja justa para todos.

RELATOS DA MINHA VIVÊNCIA ENQUANTO ALUNA NA ZONA RURAL X DADOS OBTIDOS DURANTE A PESQUISA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Fui aluna da zona rural até a conclusão do ensino fundamental menor, onde era voltado apenas para o modo tradicional, usava-se muito a metodologia da "decoreba", que tinha como principal foco, memorizar as respostas que o professor passava, para assim colocá-las da mesma forma nas provas.

O material didático que tinha naquela época, era apenas o livro, onde o professor não fazia relação com a realidade em que estávamos inseridos, tornando-nos alienados, por pensar que deveríamos aprender somente aquilo que o livro mostrava. Vale ressaltar que por um bom tempo acreditei que aquilo era o certo e que estava me desenvolvendo; mas quando fui estudar na cidade, o Ensino Fundamental maior, observei, que além dos professores utilizarem o livro didático, aguçavam muito a questão da interpretação de textos.

Ressalvo a questão do material didático, que era muito precário, e que muitas das datas comemorativas, não eram realizadas nas escolas em que fui aluna, deixando assim mais uma vez o ensino apenas mecânico.

No decorrer da minha vida escolar, ouvindo conversas dos alunos que sempre estudaram na Zona Urbana e, agora a partir da vida acadêmica, depois de ter feito os três estágios, sendo dois de regência de classe na Educação Infantil e no Ensino Fundamental menor na cidade, foi notado por mim, a diferença no que presenciei na minha infância estudando no interior.

Entre a escassez de materiais didáticos que na época em que estudava havia, também entra a questão de classes multisseriadas, que até hoje em dia existem, dependendo da localidade, notamos salas aglomeradas com esse tipo de situação. Isso faz aumentar a minha inquietude, em buscar o por que de disso acontecer, e qual a consequência provocada em outros alunos.

É gritante a situação de algumas escolas. Falta qualificação profissional, estrutura adequada, compromisso para com a Educação, e principalmente com o ensino no e do campo.

Volto salientar, agora como estudante de Pedagogia, que deve-se respeitar as especialidades de cada localidade, porém é inadmissível que exista diferença na qualidade do ensino da Zona Urbana para Zona Rural. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de Dezembro de 1996, no seu título II, Art. 3, inciso I e IX, é obrigatório que o ensino seja ministrado de forma igualitária nas condições de acesso e permanência na escola, e que tenha garantia de padrão de qualidade.

É de suma importância que possamos levar esse assunto mais a sério, que devemos pesquisar e debater mais sobre essa temática, que ainda é camuflada por uma parte da sociedade.

Volto a falar da minha vivência como aluna na Zona Rural; estudava pelo turno da tarde, em uma

escola um pouco distante do povoado onde moro até os dias atuais, para chegar até essa escola precisava se deslocar de bicicleta, junto com meu irmão, andávamos mais ou menos uns 4 km até chegar lá. Saímos de casa por volta das 12 horas da tarde, e chegávamos às 17 horas novamente em nossa residência. A escola possuía duas salas, uma para a Educação Infantil e outra para os primeiros anos do Ensino Fundamental. Não havia cerâmica, o piso era apenas de cimento, tinha dois banheiros, um feminino e outro masculino, e uma cozinha.

A relação com todos que faziam parte daquela escola era muito boa, tanto com os outros alunos, quanto com os professores e auxiliares de limpeza. Gostava muito de frequentar as aulas, mesmo a escola sendo um pouco distante, e, muitas das vezes acontecer imprevistos no meio do caminho, como cair da bicicleta, mas nada tão grave. Chegava na escola muito feliz por poder está ali, aprendendo a ler, escrever e interagir com os meus colegas.

A maioria dois dias da semana tinha merenda, se faltava era apenas um dia da semana. No intervalo depois de merendarmos, íamos brincar na estrada, de diversas brincadeiras, uma delas era de queimada; não havia muito movimento naquele lugar, e sempre os adultos que trabalhavam na escola ficavam observando.

A minha professora era super gente boa, lembro-me até hoje que nos raros momentos de aprendizagem lúdica dentro da sala de aula que tive na infância, por fazer a pintura de um ovo, em comemoração à Páscoa, ganhei uma caixa de bombom, e aquilo foi o máximo, não só por ter ganhado, mas pela realização daquela atividade; foi um momento de descontração e interação junto da presença da professora e dos outros colegas. Em seguida mostrarei alguns dados obtidos durante a pesquisa de campo para a elaboração do trabalho de conclusão de curso, apresentando de forma contextualizada os relatos das aulas dos atuais professores, da zona rural e urbana, e os demais profissionais da coordenação pedagógica, dessas duas escolas.

RELATOS DA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA DA ZONA RURAL

Alguns alunos chegam antes das oito horas na escola; quando os professores chegam, por volta das 08:15, as faxineiras da escola ainda estão fazendo a limpeza nas salas. A aula se inicia logo após a chegada do docente, o mesmo faz a chamada, e posteriormente começa a fazer a leitura individual de um texto do livro didático de português. Enquanto essa leitura está sendo feita, os outros alunos ficam dispersos na sala; um discente levou uma criança de dois anos para a sala de aula, filho de uma moradora daquela localidade, nisso tirou a concentração dos demais, fazendo muito barulho.

A sala possui 10 alunos, sendo 6 meninas e 4 meninos. A estrutura é forrada com gesso, tem cerâmica no piso, um filtro com água potável, possui dois armários, onde comporta os livros didáticos, sendo um aberto e o outro tem porta para fechar, porém não tem cadeado.

É uma classe multisseriada, onde tem alunos de 3º, 4º e 5º ano. Após ser finalizada a leitura com os alunos do terceiro ano; foram para outra leitura do livro didático de português, dessa vez, cada aluno, do quinto ano, fizeram a leitura em voz alta. Após o término da leitura, o professor questiona os alunos sobre o que os mesmos acabaram de ler.

Para o quarto ano, continuou com a leitura de texto, mas o objetivo era outro, o de separação silábica e de achar encontros vocálicos dentro do texto, onde após a leitura que os alunos fizeram, o professor direcionava uma pergunta a um determinado aluno, e ele teria que responder, se a palavra possuía encontro vocálico, de qual forma, e também fazendo a separação silábica.

Quando terminou a leitura, o professor entregou uma atividade impressa para cada aluno de matemática, teve uma duração de 20 minutos, a correção se deu individualmente, onde o professor ia em carteira por carteira para fazer a correção junto com o aluno.

Foi observado também, que as meninas são mais participativas, enquanto os meninos ficam bem dispersos.

Às 09h51, o professor fez uma atividade escrita no quadro, sobre conjugação verbal, para todos os alunos. Às 10 horas, começou o intervalo; a escola nesse dia, teve merenda, todos foram merendar. As crianças sobem no muro da escola, correm para todos os cantos, empurram a porta do banheiro, jogam o lixo no chão, por mais que o professor peça para eles que não façam isso, eles não obedecem.

O intervalo terminou as 10h36; onde fez a correção da atividade que tinha passado no quadro; o professor chamou alguns alunos para responder cada pergunta no quadro. Uma criança passou mal na volta do intervalo, o professor ligou para os responsáveis da criança para virem buscar a mesma. O mesmo relatou que tem o número de todos os pais dos seus alunos.

Em seguida, atividade de matemática impressa para todos, solução de problemas; a correção foi novamente sem copiar no quadro, apenas em voz alta para todos acompanhar.

Após o término desta atividade, o professor passou outro exercício, desta vez escrito no quadro, para os alunos copiarem e responderem no caderno. Enquanto alguns responde essa atividade, o professor vai chamando um aluno de cada vez, para ler um pequeno texto na mesa dele. Para finalizar a aula, o professor entrega uma atividade impressa para os alunos levarem para casa. A aula termina às 11:40. Os alunos que moram perto da escola vão a pé para suas casas, outros que moram um pouco mais distante, vão de moto, um transporte que a prefeitura disponibiliza.

RELATOS DA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA DA ZONA URBANA

Início da aula às 08:08, com uma mensagem que todos fazem em voz alta, falando sobre amizade. Em seguida, acontece a correção da atividade que foi passada no dia anterior para casa. Essa correção é feita com a interação dos alunos, ou seja, cada um responde uma pergunta; nem todos responderam, o barulho na sala é controlado. A sala possui 29 alunos, é forrada com gesso, tem dois ventiladores de teto, dois armários, um com porta que é o local onde tem os materiais da professora, é fechada com cadeado. Possui uma lousa de piloto; todas as carteiras são enfileiradas.

Depois de finalizada a correção de uma atividade, passou outro exercício para casa, no livro didático de matemática. Em seguida, foram para a leitura de um texto no livro didático de português; a professora nomeia essa atividade como leitura roubada, metodologia que a mesma usa para estimular a concentração, raciocínio e interação; onde um aluno começa a ler, e quando termina o parágrafo, outro levanta a mão e fala que vai participar, daí continua a leitura de onde o outro parou. Nem todos pedem para participar, sendo assim, a professora chama no final esses alunos para ler. A maioria da turma tem dificuldade na leitura, muitos lêem em voz bem baixa. Alguns ainda soletra para assim poder ler uma palavra.

Um aluno devido foi levado até a coordenadora pedagógica da escola, porque não estava se comportando em sala de aula, tirando a concentração dos demais.

Logo após finalizar essa atividade de leitura, a professora passou uma atividade no quadro de matemática sobre porcentagem e as quatro operações matemáticas. Avisando enquanto copiava que na próxima semana terá trabalhos sobre, Geografia, História e Ciências. Observei que todos ficaram animados em relação a esses trabalhos, que os mesmos fazem e apresentam para turma toda.

O intervalo começou às 10 horas, terminou as 10:20, nesse meio tempo, os alunos foram brincar, merendar; a escola teve merenda nesse dia. Os alunos brincam no pátio da escola, outros ficam nas

salas.

Na volta do Intervalo a professora deu um tempo para os alunos responderem a atividade que a mesma tinha passado. Nem todos respondem, o aluno que foi para a coordenação pedagógica da escola, continuou a atrapalhar a aula, e a maioria dos outros alunos também começaram a fazer barulho; com isso a professora alertou que avalia eles em todos os aspectos, não somente na nota, mas no comportamento e participação nas aulas também. Ao passar do tempo, a professora expulsou da aula o aluno que estava atrapalhando, e avisou que ele já estava reprovado. A mesma comentou que os pais dessa criança não participa da vida escolar do filho, alegando que não tem tempo.

Após a correção da atividade de matemática, que acontece em voz alta para todos acompanharem. A professora passou uma atividade de português sobre conjugação verbal, onde copiou no quadro, para eles responderem em casa, a mesma explicou como responder cada pergunta. A aula termina às 11:50. Nem todos moram na cidade, sendo assim vão esperar o ônibus escolar que sai às 12 horas da cidade em direção aos determinados povoados do município.

CONTEXTUALIZANDO OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA NA ZONA RURAL X ZONA URBANA

Em relação a formação de cada profissional dos que trabalham na escola da zona rural, um é formado em Pedagogia e está exercendo o papel de coordenador pedagógico; o outro é licenciado em história e está como diretor; já o professor da classe multisseriada tem formação no magistério, graduação em Pedagogia, pós graduação em Gestão Ambiental e mestrado em LIBRAS.

Em questão do que foi perguntado sobre a avaliação da escola em todos os aspectos, na visão dos mesmos; o coordenador e o diretor responderam que é regular; já o professor citou que precisa melhorar. Concordo com a resposta do docente, porque a escola precisa melhorar em aspectos físicos, e também em relação a recursos pedagógicos que a escola precisa disponibilizar dentro da própria instituição, como por exemplo: tintas para pintura, folhas de ofício, cartolinas e diversos outros objetos, que possa contribuir para aprendizagem dos alunos.

No quesito do papel que a escola está exercendo, foi respondido pelo coordenador que é um lugar que dá uma formação básica, contribuindo para que eles aprendam a escrita, leitura e cálculo; Já o gestor respondeu que é um ambiente que está sendo fundamental para que eles compreendam o mundo em que vivem e se desenvolvam como cidadãos críticos, pensantes e atuantes. O professor respondeu que o papel do mesmo é desenvolver a aprendizagem dos alunos, para que eles possam ser sujeitos da própria história, respeitando suas especificidades e que possam buscar novos horizontes. A resposta de um complementou a do outro, porque a escola além de ser um lugar que desenvolve a leitura, escrita e cálculo, também é de suma importância que seja um local de desenvolvimento pessoal, de formação de seres críticos e pensantes.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2005, p.64).

Com base nessa citação, notamos que o papel da escola e do professor, é de formar cidadãos para o mundo, não só focar na leitura, escrita ou cálculo apenas, mas, gerar seres que consigam se

desenvolver como sujeitos de sua própria história, ou seja, pessoas alfabetizadas e letradas.

Outra pergunta respondida por eles, foi o que poderíamos fazer para melhorar a escola; a resposta do coordenador e do diretor foi que, para melhorar a escola da zona rural, deveria eliminar o ensino multisseriado, criando uma escola polo para agrupar, nas palavras deles, os alunos por anos, em salas separadas. A resposta do professor foi totalmente diferente, na opinião do mesmo, ele faria vários projetos, incentivos aos pais e comunidade escolar, e trabalhava com os discentes a tecnologia e muitos outros eventos que possa ser realizado, e reconhecer o aprendizado dos discentes a cada dia, para assim se tornarem cidadãos críticos na sociedade em que vivem e para o mundo. Fazendo uma análise dessas respostas, o que mais chamou atenção de forma positiva foi o respaldo do professor, onde argumentou que para melhorar a escola em que o mesmo trabalha, tem diversas outras formas, sem acabar com o ensino multisseriado, que na visão dos outros entrevistados é "vilão" do ensino na zona rural.

Já a equipe diretiva da escola na zona urbana é formada com as seguintes atribuições: A diretora possui magistério, licenciatura em história e especialização em administração escolar; a coordenadora também possui magistério, graduação em Pedagogia e especialização em Pedagogia Social; a vice-diretora também é formada em magistério, graduação em biologia e especialização em Educação Infantil. Já a formação acadêmica da professora que atua na sala do 5º Ano do ensino fundamental menor, é a seguinte: Superior Completo em Pedagogia, e pós graduação em Direito Educacional.

Todos que compõem a gestão escolar está em seus respectivos cargos, por indicação. A professora atua há 2 anos nesta escola, possui formação continuada, e quando foi questionada se a escola disponibilizava recursos para as suas aulas, foi respondido que sim. Com isso, fazendo uma comparação com a escola da zona rural, o professor respondeu que também recebe suporte.

Tanto o docente da zona rural quanto a professora da zona urbana responderam que o seu papel é desenvolver a aprendizagem dos alunos, para que eles possam ser sujeitos da própria história, respeitando suas especificidades e que sejam capazes de buscar novos horizontes. A mesma respondeu que já ensinou na zona rural, mas devido a questões de saúde, não pode mais. Questionada sobre a estrutura da escola, citou que é preciso melhorar; ou seja, as duas escolas, no campo e da cidade, precisam melhorar sua infraestrutura, tantos nos aspectos pedagógicos como físicos, para assim proporcionar um ensino mais qualificado.

Salientou que para melhorar a escola que a mesma atua, buscaria mais a participação da família na vida escolar dos alunos, visto que, a maioria dos responsáveis pelas crianças são presentes, mas que é preciso buscar mais, alcançando todos.

A leitura é trabalhada com uma interligação entre as disciplinas; a mesma tem conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico da escola, coloca em prática o que a Base Nacional Comum Curricular propõe, mas relata que o tempo em sala de aula é insuficiente para que todos os conteúdos previstos sejam passados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que a atuação dos profissionais que trabalham com a Educação no/ do campo, sejam pautadas de uma forma mais humanizada e construtiva, não como vêm sendo, de forma alienadora, e com menos benefícios que é apresentados nas escolas da zona urbana. É de suma importância que o ensino na zona rural, seja eficiente e ativo, para a construção de seres pensantes, que vejam além de seus horizontes.

Portanto, é preciso um olhar mais atento para a Educação no/ do Campo, visando uma igualdade na

distribuição de recursos pedagógicos, infraestrutura e capacitação profissional, para um melhor atendimento da população. Nesse sentido, é de suma importância que políticas públicas sejam criadas e colocadas em prática, em favor de uma Educação de qualidade para todos, independentemente da localização geográfica em que estejam inseridas.

REFERÊNCIAS

BORGES, Heloisa da Silva. Educação do campo como processo de luta por uma sociedade justa. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012. p. (77-115).

GHEDIN, Evandro. Perspectivas sobre a identidade do educador do campo. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012.p.(25-60).

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acesso em 22 Jul. 2020

MACHADO, Luane Cristina Tractz. Da educação rural à educação do campo: conceituação e problematização. EDUCERE XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO . IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS , SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO –SIRSSE. VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE *Anais...*,2017. Disponível em: Acesso em 29 jul. 2020

SANTOS, Ademar Vieira; ALMEIDA, Luis Sérgio Castro. Perspectivas curriculares para a Educação no Campo: algumas aproximações para a construção do currículo da escola dos que vivem no e do campo. In: GHEDIN, Evandro: **Educação do Campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012, p.(137-156).

SANTOS, Maria Trindade dos; BORGES, Heloisa da Silva. O Pronera como política para a Educação do Campo. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do Campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012, p. (293-358).

* Pedagoga formada pela Faculdade do Nordeste da Bahia (FANEBA).

** Doutora em Educação (UFS); Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso que deu origem a este artigo; Líder do Paidéia Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação da FANEBA; Pesquisadora do NEPERES – Núcleo De Estudos e Pesquisas sobre Relação com o Saber do EDUCON/CNPq/UFS.